

13 OUT 1996

14 OUT 1996

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Disputa ameaça ecologia do Senado

Rezam os mandamentos da política que melhor que uma passagem de ida ao paraíso só mesmo um mandato de senador. Casa calmissima, elegante, no Senado todos são experientes, fidalgos e ciosos de seu poder e autoridade. Ali raramente se passam cenas mais nervosas, muito comuns na Câmara. O meio ambiente chega a ser circunspecto.

Por isso mesmo surpreende o clima de clube da esquina que vem se formando por causa da disputa pela presidência. A bomba não estoura antes de dezembro, quando então as candidaturas estarão a pleno vapor, mas agora já é possível detectar sinais concretos de que muito em breve haverá um sério rompimento no equilíbrio ecológico do Senado.

Quem está de longe e se interessa minimamente pelo assunto sabe que Antônio Carlos Magalhães é candidato à presidência do Senado — posto que dá ao ocupante a condição de terceiro na linha de sucessão da Presidência da República — e imagina que o assunto se encerre por aí, sendo líquido e certo que ACM sucederá José Sarney no cargo.

Pois basta firmar a vista e chegar um pouco mais perto para ouvir o barulho do PMDB e do próprio PFL a dizer que as coisas não são bem assim. Primeiro que não há um só senador que reconheça a validade daquele acordo pelo qual há dois anos o PMDB apoiou Luís Eduardo Magalhães para a presidência da Câmara em troca do apoio do PFL na eleição seguinte.

“Diga-me um senador que tenha assinado, esse foi um acordo só da Câmara”, desafia o líder do governo Elcio Álvares, ele mesmo candidato ainda não assumido do PFL em contraponto a ACM e também a Hugo Napoleão.

O assunto das duas presidências vem sendo tratado como uma operação casada. Ora, se na Câmara a presidência irá para o PMDB, nada mais justo que no Senado o posto fique com o PFL. Certo?

Erradérrimo.

O PMDB não abre mão do que considera um direito inalienável do partido majoritário. Os senadores não se sentem minimamente obrigados a manter a alternância de poder entre uma casa e outra. Os pemedebistas argumentam que já presidiram Câmara e Senado ao mesmo tempo (por exemplo, nas gestões de Ibsen Pinheiro e Mauro Benevides) e que o PFL só está agora na presidência da Câmara por decisão do ex-presidente do PMDB Luís Henrique, que fechou o tal acordo cedendo a vez aos pefelistas.

No Senado, os pemedebistas Jader Barbalho e Iris Rezen- de querem a presidência e já na semana que vem estarão numa reunião do partido, onde será reafirmada a necessidade de que seja seguido esse princípio.

E mais: para evitar que o PFL aproveite-se da regra, filie senadores às suas fileiras construindo assim uma maioria de última hora, o PMDB acha que deve valer o número de senadores que tinha o partido no início da legislatura. Aí, sim, os pemedebistas teriam sua maioria garantida até a próxima eleição parlamentar.

O senador Pedro Simon vai pedir a Sarney que tome uma atitude firme com relação à disputa. Simon está horrorizado com a utilização de métodos — como a filiação de senadores a partidos para mudar o equilíbrio de forças — “nunca vistos no Senado da República. Que se mude o regimento, mas a maioria é demais”, reclama.

Jáder Barbalho chama isso de “ação predatória” e contra ela acha que só funciona o princípio de que o partido majoritário tem o direito à presidência e ponto final. O problema é quem vai arbitrar o cumprimento da norma.

Para Jáder, a preservação da boa convivência entre os senadores é que deve orientar a condução do problema. “Quando não se tem um juiz, o melhor é seguir a lei à risca, senão passa a imperar o vale-tudo”. Na opinião dele, se a disputa for para o plenário, “relacionamentos sairão arranhados”. E como no Senado a tradição não é do conflito, a disputa do início do ano que vem pode inovar resvalando para uma certa deselegância.

Ontem mesmo o senador Ernandes Amorim, que junto com Gilberto Miranda deixaria o partido para dar a maioria ao PFL — leia-se ACM —, dizia bem alto que acabara de telefonar para o colega convidando-o “a permanecer comigo no partido”. Amorim é um senador que faz exatamente aquilo que seu mestre Sarney manda. E se vai ficar no PMDB e ainda pede que Miranda, outro ligadíssimo a Sarney, fique também, é sinal de que o presidente do Senado pode estar preferindo uma candidatura pemedebista no lugar de apoiar Antônio Carlos.

Pode ser como pode não ser.

Assim como Elcio Álvares também pode deixar a liderança do governo em dezembro para disputar a presidência, enfrentando ACM. Ele diz que ainda é cedo para assumir candidaturas — “eu seria um bobo se fizesse isso agora” —, mas não deixa de notar que vários senadores, e não apenas do PFL, têm manifestado apoio antecipado, caso ele venha mesmo a disputar.

E com isso chega-se à conclusão de que há muito menos reverências a serem preservadas no Senado do que se possa supor assim numa primeira olhada ligeira e superficial.

Normalmente circunspectos, os senadores começam a entrar em clima de clube da esquina